

Qualidade do emprego vai continuar caindo

*Parte do pessoal que
perdeu o emprego na
indústria nos últimos
anos está em postos piores*

ROLF KUNTZ

RIO — A qualidade do emprego está caindo, no Brasil, e tenderá a continuar em queda nos próximos anos, quando aumentar o investimento industrial em equipamentos modernos.

O problema da criação de empregos mal começou no Brasil, disse o professor da PUC Eward Amadeo. Até agora, as empresas modernizaram principalmente a organização e os padrões de gerência, argumentou. Este foi um dos principais pontos de acordo nos debates de ontem, no encerramento do VII Fórum Nacional. Mesmo assim, o emprego industrial diminuiu entre 20% e 25% nos últimos cinco anos, observou Amadeo. Parte do pessoal deslocado teve de se empregar fora da indústria, em postos normalmente piores (na melhor hipótese, menos bons).

Os piores postos de trabalho, comentou o economista, são oferecidos pelas pequenas e pelas microempresas, com salários em geral mais baixos, maior informalidade e menor segurança. Setenta por cento dos empregados nessas empresas, disse o economista, citando uma recente pesquisa, têm menos de dois anos de casa e 40%, menos de um ano.

A tendência de piora não é característica do Brasil, mas está associa-

da à globalização dos mercados e à mudança dos padrões de produção. Com essas transformações, vem diminuindo a proporção entre o aumento do emprego e a expansão do produto industrial (e, de modo mais geral, do Produto Interno Bruto). Aqui se formou outro ponto de acordo: não se criarão postos de trabalho sem crescimento, mas o crescimento não bastará para garantir os empregos necessários. As propostas para elevar a qualidade do emprego, devem, portanto, ser articuladas com a política industrial, observou o economista Jorge Jatobá, assessor especial do Ministério do Trabalho.

A força de trabalho deverá continuar a expandir-se à taxa de 2% ao ano, por uma década, estimou o coordenador técnico do Fórum Nacional, Roberto Cavalcanti. Isso tornará necessário criar cerca de 1,5 milhão de postos por ano. Se a isso se acrescentar a popu-

PEQUENAS E
MICROS
PAGAM
PIOR

lação pobre, em busca de melhores condições de sobrevivência, o número de novos empregos necessários cresce para uns 3,5 milhões por ano.

Amadeo foi menos enfático. A taxa tem estado, em geral, pouco acima de 4% da população economicamente ativa, observou. De algum modo, as pessoas arranjam ocupação, formal ou informal. Daí a importância, segundo ele, de se deslocar o debate para a questão da qualidade. Cavalcanti concordou parcialmente: não tem muito sentido falar numa taxa próxima de 4%, argumentou, a menos que o objetivo do trabalho seja o suor e não o pão. Se for o pão, o problema é muito maior.